

O USO DA TEORIA DA MEMÓRIA SOCIAL COMO UM INSTRUMENTO DIDÁTICO DE RECONHECIMENTO DE REALIDADES

THE USE OF THE THEORY OF SOCIAL MEMORY AS A TEACHING INSTRUMENT FOR THE RECOGNITION OF REALITIES

Diogo Jorge de Melo, Faculdade de Artes Visuais e Museologia da Universidade Federal do Pará, diogojmelo@gmail.com

Sandra Suely dos Santos Francisco, Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém, cedida para atuar na Universidade Federal do Pará/Programa Arte na Escola – Pólo Belém, sandraf@ufpa.br

Resumo: O trabalho faz um breve apanhado teórico sobre Memória Social, com objetivo de discutir a sua utilização como um instrumento de auxílio didático para professores. Essa proposta foi apresentada no curso de atualização denominado “Memória, Identidade, Arte e Ensino”, para professores de Artes da Secretaria de Educação do Município de Belém. Contudo a proposta pode abranger os mais diversificados segmentos de ensino. O domínio desta proposta busca instrumentalizar o professor a identificar contextos de identidades/patrimônios, possibilitando a aproximação entre professor e educando. Especificamente no ensino de Arte, a proposta pode ser utilizada como um estímulo da criação, da inovação e da imaginação.

Palavras-chave: Memória, Ensino, Artes.

Abstract: This work makes a brief theoretical discussion about social memory, with the objective of discussing its use as an instrument of pedagogical support for teachers. This proposal was presented in a course named “Memory, Identity, Art and Teaching”, which targeted art teachers of Belem’s Education Department. However, the proposal may be extended to other teaching segments. It is also our aim to give teachers instruments to identify identity/asset contexts, making the relationship teacher/student closer. Specifically in the field of Art teaching, the proposal can be used as a stimulus to creation, innovation and imagination.

Keywords: Memory, Teaching, Arts.

Introdução: Este trabalho/relato de experiência surgiu a partir de um convênio entre o “Programa Arte na Escola – Pólo Belém”, conjuntamente com o projeto de extensão vinculado, “Memória, Ciência e Arte: narrativas e representações das cerâmicas arqueológicas na manufatura de Icoaraci – memórias da família Cardoso” (MELO *et al.*, 2011) com a Secretaria Municipal de Educação de Belém. O mesmo se concretizou na prática através de um curso de atualização para professores do Ensino de Artes, denominado “Memória, Identidade, Arte e Ensino”, realizado nos dias 26 e 27 de abril de 2012. Com relação aos conteúdos, o objetivo do curso se constituiu da apresentação e discussão das teorias da Memória Social e uma reflexão sobre como os professores poderiam se instrumentalizar com esse conhecimento teórico em suas práticas de ensino. Logo o objetivo deste trabalho é apresentar brevemente o contexto teórico da Memória Social e apresentar uma proposta de utilização destes conhecimentos teóricos como um instrumento prático de ensino.

O que é Memória Social: Os estudos de Memória Social iniciam seu processo embrionário como o sociólogo Émile Durkheim, em seu trabalho de 1898, “Representações individuais e representações coletivas”. Contudo a grande contribuição para consolidação do campo foi a do seu discípulo Maurice Halbwachs, que se dedicou mais especificamente ao entendimento da memória como um fenômeno social, adentrando em questões das dimensões social e simbólica principalmente no âmbito da memória individual. Superando a visão dicotômica do modelo positivista, que opunha individual ao coletivo e apresenta uma dinâmica complexa entre lembrança e esquecimento, apontando a memória como um importante veículo de construção das identidades na sociedade moderna e pós-industrial (ABREU, 2002). Posteriormente a esta fase, a emergência e uma ampla discussão, principalmente dos historiadores, em relação às fontes orais, a utilização da memória como referencial teórico foi ganhando seu espaço nos meios acadêmicos. Como exemplo, encontramos Michael Pollak (1989 e 1992) defendendo as fontes orais: dizendo que assim como a memória é construída, todo o documento também o é. Também afirma não existir diferenças estruturais entre fontes escritas e orais e que o trabalho do historiador parte sempre de uma fonte que deve ser interpretada de maneira crítica. Desta forma entendemos memória como uma “*faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada*” (POMIAM, 2000, p.507). Sabendo que esta definição parte do entendimento de um corpo biológico, principalmente através do sistema nervoso, a entendemos como uma capacidade de “*reconstruir uma situação mais ou menos análoga à já verificada no momento em que o ser ou o objeto, agora presente sob a forma de resíduo*” (POMIAM, 2000, p.508). Resumindo, Memória é o que permite a um ser vivo remontar ao tempo, sendo uma representação do passado recriada em tempo presente, criando relações do tempo presente com o passado. Destacando que essas relações são sujeitas a limitações, tratando-se apenas de recordações, imagens e relíquias, sempre “imperfeitas”, pois o passado não pode ser restituído. Sabendo que memória é uma reconstrução individual, não podemos esquecer que o ser humano é um ser social e isso nos possibilita falar de uma instância de coletividade, que se constitui a partir de fragmentos de diversas memórias individuais, além de ideologias políticas e culturais de uma forma geral. Consequentemente ela acaba por se tornar um estereótipo de um determinado grupo social, mas que de longe e capaz de representar todos os indivíduos desse grupo. Deste ponto, Pollak (1992) apresenta o conceito de memórias subterrâneas/ocultas, que são memórias que nem sempre se apresentam abertamente em uma sociedade, vindo a tona em ocasiões específicas. Um exemplo muito claro disso são as memórias traumáticas, como as das ditaduras militares ou grupos reprimidos socialmente.

Proposta e Considerações finais: Entendo a memória em sua essência teórica, começamos a refletir como esse conhecimento pode ser utilizado por professores no contexto escolar. E elaboramos uma proposta que foi socializada e discutida com os professores de Artes ao longo do curso “Memória, Identidade, Arte e Ensino”. Contudo ela não se restringe a apenas esse segmento de ensino, podendo ser um instrumento para qualquer seguimento do ensino formal e não formal, buscando um melhor entendimento das identidades dos educandos. Como na contemporaneidade o direito à memória se impõe pelo reconhecimento de identidades individuais e coletivas em processos dialógicos, que hoje buscam mais a aproximação do que a exclusão. Logo o professor que é capaz de se instrumentalizar com este conhecimento, será capaz de promover atividades que explorem as realidades em questão. Desta forma o professor se torna capaz de entender profundamente os contextos sociais, históricos e culturais dos seus educandos. Com isso o educador ganha grande vantagem, que poderão ser apresentadas

e utilizadas para o auxílio do ensino. Esta proposta assemelha-se a palavra geradora de Paulo Freire, pois elas só podem ser identificadas e reconhecidas a partir de vivências nos contextos sociais locais. No nosso caso específico, como Ramos (2004), extrapolamos as palavras para os objetos geradores, por exemplo: fotografias, objetos pessoais, objetos antigos e objetos estéticos ou apenas as capacidades cognitivas da memória, que denominamos de lembranças. Desta forma os domínios das memórias, identidades e patrimônios individuais e coletivos serão facilmente articulados com os conteúdos e processos de aprendizagem a serem exploradas pelos professores das mais diversificadas formas possíveis. Mais especificamente, no contexto das Artes, como entendemos o ato criativo, como um reflexo dos processos das experiências individuais e dos processos sociais, as atividades que utilizam o contexto da memória podem servir de ponto de partida para o estímulo da criação, da inovação e da imaginação. Exemplo disso são as releituras de obras de artes, sempre presentes ao longo da História da Arte. Logo propor atividades criativas a partir de contextos locais pode apresentar os resultados surpreendentes.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Regina. **Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social.** In: GONDAR, Jô & DODEBEI, Vera (Org.) O que é memória social? 2002, p. 27-42.

MELO, D. J. *et al.* **Memória, Ciência e Arte:** narrativas e representações das cerâmicas arqueológicas na manufatura de Icoaraci. II Seminário Internacional de Museologia, Universo Imaginário, 2011, CD-ROM.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POMIAM, K. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi:** Sistemática. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 42, 2000.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do Objeto: o museu no ensino de história.** Chapecó: Ed. Argos, 2004.